

Vida e obra de Luís de Camões

JOÃO DÉCIO

Prof. Titular de Literatura Portuguesa da
Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita
Filho” – “Campi” de Assis e de Marília (SP)

Luís de Camões, o poeta *d’Os Lusíadas* que, neste ano vê passar os 400 anos de sua morte, apresenta ainda uma biografia, em muitos pontos, controvertida.

Há dúvidas se nasceu em Lisboa, Santarém, Coimbra ou Alenquer, bem como se o nascimento aconteceu em 1524 ou 1525. Sabe-se somente que faleceu em 1580.

Era filho de Simão Vaz de Camões e Ana de Sá de Macedo, gente pobre mas que entroncava em família fidalga. Pouco ou quase nada se sabe de sua infância, apenas que se estudou em Lisboa, deve ter mostrado especial interesse, porque a família o enviou a Coimbra, que na altura gozava de enorme prestígio e renome em Portugal e em toda a Europa. Em Coimbra morou alguns anos e fez alguns de seus estudos. Há uma canção “Vão as serenas águas”, em que o poeta evoca com saudade a sua estada às margens do Mondego. Na verdade, aqui o poeta estava evocando a figura de uma bela mulher que ele nunca esquecera, e que tinha o “riso brando” e o “olhar sereno”. Quando escreveu esta canção, Camões já teria saído de Portugal, e uma prima sua, Isabel Tavares teria sido a inspiradora do poema. Referimos este fato da vida, no período da juventude do poeta, porque Camões terá muitos amores pela vida. Foi poeta que viveu intensamente a sua poesia; amou muitas mulheres e que num de seus poemas lembra que só quem muito amou pode compreender intensamente os seus sonetos em que sobrevive a dimensão amorosa em tomo da Mulher, síntese de todas as mulheres que o poeta conheceu e amou. As musas inspiradoras de Camões, muitas delas devem ter ficado pelos cantos do mundo, onde peregrinou o poeta e integram-se na mística aventureira e aventureira de sua vida. Portanto, a experiência amorosa que ele traduz, é toda ela “só de experiências feita”.

Por razões que ainda se ignoram, Camões afastou-se para o Ribatejo, seguiu a carreira das armas e esteve algum tempo em Ceuta, onde perdeu uma vista, na luta contra os mouros. Voltando a Lisboa freqüentava a Corte, onde está sempre metido em complicações, numa das quais feriu um moço do Paco, Gonçalo Borges, tendo sido preso, mas perdoado pelo rei e pelo agravado, foi libertado.

É, contudo, imposta a pena de servir na Índia e no processo não há nenhuma referência ao seu valor intelectual e seus méritos de poeta. Nesta altura, aos 28 anos de idade, Camões já era um grande poeta mas para o rei era apenas um homem digno de compaixão e que vivia na penúria.

No ano de 1553 segue para as Índias e atravessando o Atlântico vem a tocar em vários portos da África, e depois pelo Índico, desembarcando em Goa, onde era intensa a atividade dos portugueses, no campo do comércio.

Na carreira das armas tomou parte em várias expedições militares no Oriente, o que lhe possibilitou visitar o estreito de Meca e o Golfo Pérsico. Nesta altura, algumas composições líricas davam já a dimensão do valor do poeta. É o caso do soneto "Alma Minha", das canções "Vinde cá" e "Junto do seco, fero e estéril monte", da elegia "O poeta Simónides", das endechas à Bárbara escrava, "das Redondilhas", "Sôbolos Rios" e algumas estrofes d'*Os Lusíadas*.

De Goa parte para Macau, onde teria ocupado o cargo de "provedor-mor" dos defuntos e ausentes, mas o que o atraía realmente, era o desejo e a curiosidade de percorrer o mundo e os lugares misteriosos e desconhecidos. Andava na linha dos que aceitaram que "o homem é um ser de horizontes". Conheceu o novo mundo, observou e participou das agruras, dores e sofrimentos dos exploradores dos mares e das terras, e assim pode fazer uma idéia mais aproximada do esforço heróico dos portugueses, nas suas descobertas. Claro, lutava cada vez mais com problemas de ordem material e mesmo de subsistência, mas ia enriquecendo sua vida espiritual.

Atravessando o Oceano Índico, desembarca em 1569 em Moçambique, onde permanece algum tempo e contacta de perto com Diogo do Couto, o célebre historiador que o chama de "príncipe dos poetas do seu tempo". Começa a se fazer conhecido do rei D. João III, que foi realmente um protetor das artes, das letras, dos artistas em geral.

Foi rápida sua permanência na África Oriental, pois lá permanece apenas um inverno. Nessa altura vivia dificilmente, passando por inúmeras privações e mesmo para se alimentar valia-se de amigos que lhe davam o que comer e assistência econômica para outras necessidades.

Em 23 de abril de 1569 volta a Portugal, com o auxílio do citado Diogo do Couto. Em 1572, publicava *Os Lusíadas* e passa a receber como prêmio uma pensão anual de 15.000 réis, mas que não é suficiente para tirá-lo da miséria em que vive. Em 10 de junho de 1580 morre, abandonado e pobre. É o mesmo ano em que Portugal passa ao domínio da Espanha.



Luís de Camões, 1524?-1580

A obra camoniana se reparte entre poesia lírica (sonetos, canções, elegias, églogas, sextinas, oitavas, na medida nova e redondilhas (maior ou menor) na “medida velha”, poesia épica, representada pelos *Lusiadas*, teatro (*El-Rei Seleuco*, *Auto de Filodemo* e *Anfitriões*).

A poesia lírica de Camões acha-se em alguns exemplos empapada da realidade medieval, pois o poeta conforme lembra Massaud Moisés: “empresta ao

velho popularismo ingênuo, o das cantigas de amigo, dimensões mais vastas, fruto de suas experiências pessoais e do singular talento que possui”.

Contudo, consegue ele dar às redondilhas, um sopro novo, aprofundando os temas tratados pelos trovadores medievais. Assim é que o poeta apresenta inúmeras composições que lembram necessariamente as canções de amigo, ou melhor, as cantigas de amigo. Exemplo frisante é a composição “Descalça vai pera a fonte”.

Mas as redondilhas muitas vezes se alçam de uma vivência pagã da realidade, no plano de o prazer e da alegria e o poeta se eleva a uma expressão dramática nas transcendências, como ocorre com “Sóbolos rios” ou “Babel e Sião”. Aqui, aceitando a idéia de Platão, o poeta se julga “caído”, no campo do humano e das realidades sensíveis e lembrando o mundo “inteligível”, de que as coisas deste mundo constituem apenas lembranças ou sombras. Nesta altura Camões já estava preocupado em criar um absoluto de que participaria da arte, a filosofia e a religião (ou o sentido religioso), onde aparece o sentimento mas também a reflexão. Camões começa a se encaminhar para a poesia clássica, deixando a tradicional e com isso construirá o mais expressivo de sua obra.

O pendor literário e as indiscutíveis qualidades poéticas de Camões, encontram total e completa realização na poesia clássica. Para Massaud Moisés, “de certa forma Camões seria clássico mesmo sem que existisse o Classicismo”. Foi por essa razão, que o poeta aderiu à corrente, tendo-a superado, porque em muitos pontos já anuncia o movimento barroco, especialmente no que apresenta de visão paradoxal, antitética, sombria da realidade.

Na poesia clássica, Camões busca respostas para inquietantes problemas de homem culto e sensibilíssimo que era, daí sua poesia revelar uma dimensão interior em que as angústias, as dúvidas, o paradoxo, as incertezas, chegando a levantar problemas, não só individuais, mas que afetavam a generalidade do ser humano. Para realizar em toda sua dimensão o melhor de sua poesia, Luís de Camões se serve do saber, da experiência, da imaginação, da memória, da razão e da sensibilidade que engloba a vida sentimental e sensorial. E com tais recursos passa a estudar o mundo do “eu”, da Mulher, “da Pátria, de Deus, da vida” e para isso tem de mergulhar profundamente num labirinto e dele voltar vivendo de um sentimento que vai sendo aprofundado em suas camadas, pela análise reflexiva proposta pela razão. Disto derivará, naturalmente, a presença da dor, não individual, não particular, mas de uma dor que engolfa toda a Humanidade. Pode-se dizer, que Camões parte de uma confissão de caráter individual e vai aprofundando, até chegar a uma visão universalizante dos problemas.

Assim, em geral, nos seus sonetos e outras composições líricas, o poeta inicia com uma sondagem do “eu”, no plano puramente afetivo (conhecimento sentimental diria Carlos Bousoño), trabalha-o a razão (conhecimento con-

ceptual) e consegue alçar ao plano do EU coletivo ou do NÓS, que sentia, naturalmente, a síntese de todos os “eus”, que são momentos em que o poeta conseguiu reter um momento de ordem psicológica ao nível do sentimento e da emoção. A DOR, a insatisfação, a sensação da constante mutabilidade das coisas, a luta entre o ser ou não ser, a preocupação com o Deus e as realidades transcendentem surgem com destaque.

A Lírica de Camões à luz de uma nova teoria da poesia e da crítica.

As mais modernas teorias da poesia, como as de Octavio Paz, Gaston Bachelard, Jean Claude Renard, Carlos Bousoño, Jean Cohen, Mikel Dufrenne e as novas direções abertas pela atividade estruturalista dão margem à abertura de novas picadas, para a abordagem da poesia dos grandes poetas. Para lembrar apenas um exemplo, assinalamos o trabalho de Roman Iacobson, que na base estruturalista, deu nova dimensão à poesia de Fernando Pessoa, especialmente, com a análise espectral do poema “Ulisses”.

Nós aqui, partindo, desses pressupostos, queremos assinalar que o poeta Luís de Camões, neste ano tão premiado com uma série de importantes comemorações, também, naturalmente pode ser visitado, ou melhor, revisitado, com a análise de sua poesia, informada de toda esta abertura oferecida pela teoria da poesia e pelo estruturalismo.

Aqui, então, nos propomos, não a análise da poesia épica, bastante versada neste ano comemorativo dos 400 anos da morte do Autor dos *Lusíadas*, mas para uma revisão e uma reatualização através de uma nova teoria crítica.

O que pretendemos realizar, nesta oportunidade é uma abordagem em duas direções: uma da teoria da poesia, com base no conceito de Carlos Bousoño, no livro “*Teoría de la expresión poética*”, e nas funções da comunicação literária, com base nas idéias de Roman Iacobson.

Posto isto, na impossibilidade de uma visão extensiva do assunto, pensamos numa abordagem intensiva, o que implicava na escolha de um ou dois sonetos, para nosso estudo.

Escolhemos para tal fim os sonetos, “Busque Amor novas artes novo engenho” e “Transforma-se o amor na coisa amada” e “Um mover de olhos, brando e piedoso”.

No primeiro dos poemas, percebe-se claramente que a aplicação do conceito de Bousoño pode nos oferecer o bastante. Aqui devemos abrir um parêntese para recordar o assunto. Carlos Bousoño diz que poesia é a comunicação da contemplação de um conhecimento de ordem afetiva, sensorial e conceptual ou mais rigorosamente é a contemplação de um conhecimento-síntese dos elementos apontados.

Num sentido amplo, o Camões lírico nos oferece na base, uma contemplação de ordem sentimental (o amor, a dor, o sofrimento, a solidão, etc.),

trabalhada por outra, de ordem conceptual, que naturalmente dá maior profundidade ao sentimento e volta e meia comparece o conhecimento de carácter sensorial, estabelecendo com a conceptual, a célebre dicotomia e dualidade, que fazem a poesia de Camões lírica, mas também dramática, desde o fato de que há um “eu” em constante luta com outro “eu”, ambos “eu” significando a vivência espiritual e a vivência carnal.

Mas, transcrevemos os poemas que vamos analisar para mais facilmente podermos trabalhar com eles:

*Busque Amor, novas artes, novo engenho.
Pera matar-me, e novas esquivanças;
Que não pode tirar-me as esperanças,
Que mal não tirará o que eu não tenho.
Olhai de que esperanças me mantenho!
Vede que perigosas seguranças!
Que não temo contrastes nem mudanças.
Andando em bravo mar, perdido o lenho.
Mas, conquanto não pode haver desgosto
Onde esperança falta, lá me esconde
Amor um mal, que mata e não se vê;
Que dias há que na alma me tem posto
Um não sei quê, que nasce não sei onde,
Vem não sei como, e dói não sei porque.*

*Transforma-se o amador na cousa amada,
Por virtude do muito imaginar;
Não tenho logo mais que desejar,
Pois em mim tenho a parte desejada.
Se nela está minha alma transformada,
Que mais deseja o corpo de alcançar?
Em si somente pode descansar,
Pois consigo tal alma está liada.
Mas esta linda e pura semidéia,
Que como o acidente em seu sujeito,
Assim como a alma minha se conforma,
Está no pensamento como idéia;
E o vivo e puro amor de que sou feito,
Como a matéria simples busca a forma.*

*Um mover de olhos, brando e piedoso,
Sem ver de quê? um riso brando e honesto,
Quase forçado; um doce e humilde gesto,
De qualquer alegria duvidoso;
Um despejo quieto e vergonhoso;
Um repouso modesto e gravíssimo;
Uma pura bondade, manifesto
Indício da alma, limpo e gracioso;*

*Um encolhido ousar; uma brandura;
Um medo sem ter culpa; um ar sereno;
Um longo e obediante sofrimento:
Esta foi a celeste formosura
Da minha Circe, e o mágico veneno
Que pôde transformar meu pensamento.*

A temática da lírica de Camões se reparte entre o amor, a mulher, a dor, a solidão, a natureza, Deus, e no tratamento deles, em geral o poeta parte do particular, do individual, para universalizar o tema.

O processo de vivência de Camões é visceralmente afetivo e as notas sensoriais quando aparecem são leves, e nunca o poeta apela para um erotismo intenso. Quando o sensorialismo aparece, quase sempre é para enfatizar a vivência conceptual.

Tentaremos ainda localizar as funções da comunicação com base na teoria de Roman Iacobson, insertas no seu livro *Linguística e Comunicação*. O crítico fala nas funções: emotiva, receptora, fática, referencial, metalingüística e poética, no caso da comunicação da literatura.

Passemos à análise do 39º poema que transcrevemos, primeiramente tentando evidenciar os tipos de conhecimentos que aparecem. No primeiro verso evidencia-se, em linhas gerais, um conhecimento de ordem sensorial visual: “um mover de olhos, brando”, englobando num caráter impressionista, o momento de conhecimento afetivo, “piedoso”. Em segundo lugar se põe uma interrogação em que aparece uma imagem mista de sensorial visual e levemente conceptual: “sem ver de quê” para logo se assinalar um momento síntese ou misto de sensorial e conceptual: “um riso brando e honesto”. Ainda até esta altura evidencia-se uma certa tônica impressionista do poema, na visão que o poeta tem da mulher amada.

E a propósito da mulher amada, vejamos o que diz Hernani Cidade em *Camões, O Lírico*: “As graças femininas que ele (Camões) fixa não são as mais provocadoras de guloseima sensual, senão as mais estimulantes da espiritualização do desejo”.

E Massaud Moisés assinala em “*A Literatura Portuguesa*”:

“Partindo das várias criaturas que amou, Camões pinta com o auxílio da razão o retrato da Mulher, formado da reunião de todas e de nenhuma em particular, porque subordinado a um ideal de beleza perene e universal” (p. 70, 10ª ed.).

Mas continuemos com o levantamento dos conhecimentos:

Mais adiante, uma imagem em que se associam os elementos afetivos e sensoriais visuais: “um doce e humilde gesto” completado outro em que o afetivo se associa ao conceptual: “de qualquer alegria duvidoso”.

Mais adiante associam-se duas imagens, uma de caráter sensorial auditivo e outra de sentido afetivo: “um despejo quieto e vergonhoso!”, envolvido

de outro de caráter conceptual no termo despejo, sinônimo de despojamento, de revelação.

Adiante, uma imagem sensorial visual com leve conotação conceptual: “um repouso gravíssimo e modesto”, seguido de outro momento afetivo (“uma pura bondade”) que provoca outro de caráter conceptual e sensorial-afetivo: “manifesto/indício da alma, limpo e gracioso”; mais adiante há uma imagem síntese do sensorial visual e do conceptual; “um encolhido ousar”, seguido de uma imagem que é misto de afetivo e sensorial: “uma brandura”. Mais adiante surge uma imagem afetiva com base no conceptual: “um medo sem ter culpa”, seguido de outra exclusivamente sensorial visual: “um ar sereno”. Mais adiante outra imagem afetiva sustentada em outra conceptual: “um longo e obediente sofrimento”. Mais adiante outra, conceptual de que decorre uma imagem síntese do sensorial e afetivo “esta foi a celestre formosura”.

Finalmente, os dois últimos versos são essencialmente conceptuais “Da minha Circe, e o mágico veneno que pode transformar meu pensamento”.

O poema “Busque Amor, novas artes, novo engenho”, assinala inicialmente a presença de um elemento afetivo, “Amor”, como base de um conhecimento de ordem conceptual; “Busque Amor, novas artes, novo engenho”. Em consequência ocorre uma imagem sensorial na base mas conceptual no alcance: “para matar-me, e novas esquivanças, onde a seqüência é conceptual. Mais adiante, o derramamento do conceptual leva ao elemento afetivo: Que não pode tirar-me as esperanças”, concluindo por uma nota de caráter conceptual, com base no mesmo afetivo (“esperança”): “Que mal me tirará o que eu não tenho”.

Mais adiante o elemento afetivo assinala um evidente tom de auto-comiseração e de auto-piedade:

“Olhai de que esperanças me mantenho”! A idéia de que a personagem posta em poema vive o problema fornece a base conceptual do mesmo. Mais adiante aparece um verso de conotação rigorosamente conceptual: “Vede que perigosas seguranças”, seguido de outro ainda conceptual: “que não tem contrastes nem mudanças”. Finalmente uma imagem ao nível lingüístico de caráter sensorial visual, mas que se eleva a conhecimento conceptual: “Andando em bravo mar, perdido o lenho”.

Mais adiante, no processo de um conhecimento afetivo decorrente de outro conhecimento afetivo, aparece o conceptual: “Mas, conquanto não pode haver desgosto / Onde esperança falta”, de que resulta outro elemento conceptual de outro afetivo: “lá me esconde Amor um mal”, e daí a idéia conclusiva e que coloca a personagem posta em poema em situação perplexa: “que mata e não se vê”. Mais adiante, o elemento sensorial visual é cenário para assentar o afetivo que sustenta o sensorial: “Que dias há que na alma me tem posto” e finalmente a perplexidade da posição intelectual, conceptual diante do sentimento de Amor: “Um não sei quê, que nasce não sei onde”, “vem não sei como, e dói não sei porque”. Especificando, “sei” é verbo de conotação

intelectual e portanto implica no aspecto conceptual; “onde” implica a tentativa de localizar digamos, geograficamente no corpo da personagem, e portanto seria uma tentativa de sensorial visual e daí impõe um conhecimento de ordem afetiva, resultante de outro de caráter conceptual: “vem não sei como, e dói, não sei porque”.

Alguns aspectos são notórios no soneto: inicialmente, a quase personificação do amor, como entidade por assim dizer, fora do ser com o qual a personagem travasse um combate corpo a corpo, alma a alma. Ainda mais, esta entidade Amor parece constantemente estar armando ciladas, armadilhas, e também esquivando-se volta e meia da personagem. Ainda mais, o soneto revela-se como análise do sentimento amoroso, num sentido altamente confessional: “Olhai de que esperanças me mantenho” / “Vede que perigosas esperanças.” O sentimento do amor como o mais profundo que pode possuir a criatura revela-se naturalmente com toda uma carga de infável, daí a dificuldade em localizá-lo no tempo e no espaço, isto é, dizer, exatamente quando ele começou e onde ele começou: “Que dias há que na alma me tem posto / Um não sei quê, que nasce não sei onde, / Vem não sei como, e dói não sei porque”.

O poema respira uma vivência na base sentimental, através de sintagmas como “Amor”, “esperanças”, “seguranças”, “desgosto”, “esperança” (termo recorrente no poema), “alma”, “dói”. A dimensão universal refletida no fato do poeta dimensionar o seu sentimento com a visão racional, aparece em vários momentos do poema: “Busque Amor, novas artes, novo engenho”, “que mal me tirará o que eu não tenho”, “Um não sei quê, que nasce não sei onde, / Vem não sei como, e dói não sei porque”.

As imagens do campo sensorial quando aparecem, mostram que o poeta as está dimensionando em termos conceptuais: “Aparece unicamente em “Andando em bravo mar, perdido o lenho”.

Camões revê-se aqui, então, um analista do sentimento amoroso; poesia de alta confissão, não de confissão meramente sentimental ou romântica. Poesia que mostra a condição em que está a personagem mas também aquela em que se opera o Amor.

Ainda mais, tal poema só poderia resultar de uma experiência vivida no plano real e revivida no plano estético. Ainda mais, o poema revela-se poesia na medida em que é, ostra da condição humana (consoante Octavio Paz, em *El Arco Y la lira* ou como a fixação de um momento de ordem psicológica (consoante Georges Mounin, em *La communication poétique*) embora esse momento seja justamente síntese em que o poeta viveu o amor de várias mulheres que conheceu e amou.

Os críticos mais importantes da obra camonianiana, como Hermâni Cidade, (*Camões, o Lírico*), Antonio Salgado Júnior (*Introdução à obra completa de Luís de Camões*), tem acentuado as fases da produção lírica de Camões, e em geral, dividem-na em três: uma primeira em que Camões sofreu visível influência da literatura medieval, que revela-se como sendo uma faceta mais despreo-

cupada, mais leve e suave do seu lirismo. Aqui, então, revela-se toda a fonte medievalasca e trovadoresca do poeta. Esta revela-se nas poesias de medida velha, que aparece nas redondilhas maior e menor; a segunda faceta, é a do lirismo confessional, onde se põe o drama do amor do poeta, e toda a sua dimensão trágico-lírica, e onde o tema do Amor, da Mulher, da luta entre o sentimento e a razão se impõe em toda linha. Tal aspecto está evidenciado especialmente nos sonetos de Camões. Uma terceira faceta revela o drama do homem no plano digamos existencial e onde Camões revela toda a sua experiência de vida num plano totalizante, e onde desaparece a mera precaução com o sentimento amoroso. É a grande experiência do poeta revelada nas canções élogas, odes, sextinas. O exemplo mais frisante é o poema “Sôbolos rios que vão de Babilônia”.

De qualquer forma, em todos os sentimentos é o lírico o aspecto mais importante da obra camoniana, seguindo-se o épico, o dramático e o epistolográfico.

O que pretendíamos nesta oportunidade, foi tentar ir além do que constitui mero dimensionamento em torno da divisão da obra e da organização da temática. Por exemplo, vamos tentar dimensionar agora, as funções da comunicação literária no soneto camoniano.

No 2º e 3º poemas parecem estar mais assinaladas ou mais claramente assinaladas as funções da comunicação literária no poema: “Transforma-se o amador na cousa amada”; no terceiro verso aparece a função emotiva ou expressiva, dimensionada na vivência sentimental e sensorial; “Não tenho logo mais que desejar / Pois em mim tenho a parte desejada”. No primeiro verso, que já apresenta a função metalingüística; “Transforma-se o amador na coisa amada” e parece ser conclusivo de tudo que se dirá depois, no desenvolver do poema.

Ora, se na análise do sentimento amoroso em si, Camões mantém uma indiscutível atualidade, não assim, com a dualidade material espírito, corpo e alma que em alguns momentos aparece em seus poemas; esta dualidade percorreu a poesia de Bocage, de José Régio e em parte (meio abstratamente) foi resolvida por Fernando Pessoa, quando afirma: “todo o espírito é matéria”, “toda a matéria é espírito” e mais recentemente foi resolvida concretamente pela poesia de um Herberto Helder, mostrando que não subsiste a dualidade, a vivência material pode levar à espiritual e vice-versa.

Além dessas características muito gerais que informam a vivência poética em Camões, duas linhas essenciais apresenta sua poesia: uma, a popular, de base sentimental, leve, descompromissada, ligada a um lirismo tradicional, da Idade Média, no aproveitamento da experiência contida nas cantigas de amigo; outra, a linha metafísica, a poesia de análise do sentimento, e onde aparece a preocupação com a transcendência, conforme ocorre em “Alma minha gentil que te partiste”, que revela a atitude de um Camões crente numa realidade transcendente, no plano filosófico-religioso-estético.

A única maneira de reatualizar Camões, já que foi exaustivamente estudado na sua temática, é iluminá-lo com as novas teorias críticas e teorias da literatura, por exemplo, na versificação de que realmente estamos diante de poesia de alto coturno.

Camões sai da Idade Média, época de marcante teocentrismo, para um Renascimento onde a tônica é o Antropocentrismo, a valorização do Homem e portanto, sua poesia marca o drama do homem num momento de crise, de grave transição e portanto, além de valores pessoais, sua poesia revela um evidente valor epocal. Além disso, em alguns sonetos, onde aparecem as antíteses e paradoxos, evidencia-se um poeta sugerindo evidentemente, elementos para a estética Barroca.